

Corpos em tradução: performatividade de gênero para além de natureza e cultura

Éter Monteiro Mesquita Marques¹

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo a ampliação da noção de performatividade de gênero, de modo a compreendê-la enquanto um processo contínuo realizado por agências humanas e não-humanas, abarcando regimes de saber-poder, dispositivos tecnológicos e entidades orgânicas como os genes, hormônios e órgãos. A motivação desta discussão surge do contato que tive pesquisando grupos da comunidade virtual Redpill, que defendem uma concepção de sexualidade baseada em um forte determinismo biológico. Tal contato me fez perceber que é preciso articular as ciências da natureza de modo a contestar posicionamentos deterministas e promover um olhar mais dinâmico e plural sobre a materialidade dos corpos. A partir dessa perspectiva, promovo um diálogo entre os estudos sociais da ciência e a teoria queer, analisando como sexo e gênero são produzidos em redes sociotécnicas que articulam atores biológicos, semióticos e políticos. Busco compreender como as redes científicas estabilizam e contestam categorias de sexo e gênero em um mundo marcado pela produção biotecnológica da subjetividade e pela proliferação de agentes incapazes de serem enquadrados no dualismo moderno que separa radicalmente a natureza da cultura. Busco explorar as limitações de explicações dualistas e encontrar caminhos teóricos que abram portas para uma concepção mais integrada da relação entre corpos, gênero e processos de subjetivação.

Palavras-chave: Gênero; Natureza/Cultura; RedPill; Subjetivação.

1.Introdução e discussão teórica

Se é possível dizer que, durante o percurso histórico-político do Século XX, houveram movimentos sociais que mobilizaram e modificaram configurações legais, culturais e institucionais no que diz respeito à organização sócio-cultural das relações de gênero, é possível dizer que, em contraste com estes movimentos majoritariamente progressistas e alinhados ideologicamente à setores das esquerdas, o Século XXI observa

¹ Granduande em Ciências Sociais pela PUC-Rio. Faz parte do Terranias: Núcleo Transdisciplinar de Pensamento Ecológico

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

o surgimento e o fortalecimento cada vez mais visível de movimentos reacionários que atuam buscando uma *reversão* das conquistas feministas obtidas no Século passado.

Tais grupos e movimentos, ainda que diversos e heterogêneos em si e entre si, carregam concepções políticas, ontológicas e epistemológicas que dialogam, e em determinado momento, se sobrepõem umas às outras. A chamada “Machosfera” engloba comunidades de influenciadores, internautas, podcasts, comunidades e fóruns que atuam na internet como propagadores de discursos misóginos, masculinistas e LGBTfóbicos, discursos estes baseados em uma extrema suspeita em relação ao caráter psicológico das mulheres- compreendidas como traiçoeiras, interesseiras e perversas-, além de buscarem combater uma suposta “emasculação” dos homens na contemporaneidade: uma inversão de valores e papéis entre os gêneros que teria “masculinizado” as mulheres e “feminilizado” os homens, promovendo uma troca de hábitos em que as mulheres estariam agora no polo dominante da pirâmide social, oprimindo os homens que perderam seu papel de dominadores e que agora são incentivados cada vez mais a incorporarem tudo aquilo que não se enquadra enquanto masculino.

A “Machosfera” agrupa comunidades que possuem propostas e concepções específicas, mas que compartilham preceitos e proposições comuns. Exemplos dessas comunidades são os chamados incels, RedPills e MGTOWs. “incel” é uma abreviação que em inglês indica “celibatário involuntário”, o que já demonstra a principal preocupação e concepção ontológica básica desta comunidade virtual: existem fatores corporais que naturalmente fazem com que algumas pessoas sejam atraentes e consigam se relacionar sexualmente (como o formato craniano, a disposição óssea e muscular, dentre outros), e outros fatores- também naturais- que fazem com que alguns corpos sejam inerentemente não-atrativos sexualmente (as mesmas características que fazem ser alguém ser atraente, mas agora em sua versão “biologicamente inferior”), restando aos detentores desses corpos nada mais do que aceitar a sua realidade enquanto alguém que nunca perderá sua virgindade nem nunca se envolverá romanticamente com alguém independentemente de quais sejam suas atitudes e escolhas, um celibatário involuntário. Desse modo, os incels acreditam estarem em uma situação irreparável, destinados a sempre permanecerem na posição de excluídos das relações românticas e sexuais com as mulheres.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Já os RedPills se definem enquanto um grupo inspirado pela metáfora de “tomar a pílula vermelha”, extraída do primeiro filme da tetralogia *Matrix*. Assim como no filme, tomar a pílula vermelha indica se livrar de uma visão de mundo confortável, porém enganosa. Tomar a pílula vermelha é a analogia usada para o momento onde um homem percebe a realidade do mundo a sua volta, um mundo onde- de acordo com a cosmologia RedPill- apenas aqueles homens que nasceram com uma “boa genética” capaz de delegá-los características inerentemente atraentes (os machos-alfa) conseguem se relacionar sexual e afetivamente com as mulheres. As mulheres, como revelado pelo ato de “tomar a pílula vermelha” são, todas elas, completamente interesseiras e buscam relacionar-se verdadeiramente apenas com os homens mais atraentes por natureza, indicando que, quando elas estiverem em um relacionamento de qualquer ordem com qualquer homem que não corresponda a este ideal físico (estes homens sendo chamados, por sua vez, de machos-beta), o que está acontecendo por trás do aparente e do visível ao público trata-se apenas de uma exploração financeira por parte da mulher em relação ao seu parceiro macho-beta. O objetivo dos RedPills seria o de se tornar um homem condizente com os valores tradicionais das normas de gênero, visando assumir características dominadoras e recuperar a autoridade e o poder que os homens teriam perdido ao longo das conquistas do movimento feminista. Portanto, ao contrário dos incels, os RedPills não adotam uma postura resignada e fatalista, buscando recuperar seu poder e estabelecer seu vigor enquanto homens,

Desse modo, é possível compreender que os RedPills compreendem-se a partir do conceito já ilustrado pela noção de “tomar a pílula vermelha”, noção essa originalmente formulada pelos incels, mas que posteriormente se tornaram atributos que tornam similares as concepções incel e RedPill, sendo esta última uma comunidade nascida enquanto um ramo da primeira, tendo como ideia principal o conceito que lhe dá nome.

Por sua vez, os MGTOW (abreviação que indica *Men going In Their Own Way*) constituem uma comunidade caracterizada pela busca de homens insatisfeitos com o modo de ser das mulheres, adotando uma postura radical de não se relacionar de modo significativo com *qualquer* mulher, motivados pelos motivos que também inspiram os RedPills e incels.

Até o presente momento, não possuo nem cheguei a possuir qualquer forma de relação significativa com qualquer veículo que propague ideais da “Machosfera”, conhecendo apenas as noções mais básicas de suas concepções políticas e seus argumentos mais corriqueiros para defenderem o que defendem. O que me trouxe a este tema e objeto de pesquisa é o meu recente interesse pelos estudos de gênero a partir da teoria queer, pelos novos materialismos e pela chamada virada ontológica na antropologia. São estas novas correntes teóricas que servirão de base para minha proposta de análise.

A base teórica que busco empregar nessa pesquisa possui duas frentes: as teorias contemporâneas de gênero e sexualidade que se baseiam em uma abordagem pós-estruturalista e a teoria antropológica da chamada “virada ontológica”. A primeira frente busca uma compreensão dos fenômenos discursivos que produzem e regulam o gênero, com foco no papel do corpo como centralidade dessas questões. A segunda frente rompe com o relativismo cultural, entendendo como o objeto de estudo da antropologia as ontologias dos variados coletivos humanos. Desse modo, compreende-se a existência de diversos mundos onde habitam conceitos potencialmente diferentes em nível integral uns dos outros, ao invés da concepção relativista onde se assume a existência de um só mundo com diversas interpretações divergentes (Viveiros de Castro, 2002).

Os estudos de gênero guiarão este trabalho no que diz respeito à teoria utilizada para pensar as relações de gênero, enquanto a antropologia da virada ontológica servirá como orientador metodológico. Em outras palavras, busco compreender a possível ontologia que guia parte da Machosfera, interpretando suas considerações a partir dos estudos de gênero orientados pelo que se chama de teoria queer.

A crítica realizada por Latour (2019, pp. 20-21), se dirige ao binômio natureza/cultura, dualismo este compreendido como a base da modernidade. Os modernos se caracterizam enquanto aqueles que separam o reino da natureza, dos fatos, dos objetos transcendentais representados pela ciência, do reino da cultura, dos valores, dos sujeitos imanentes representados pela política. Esta seria a base de todo pensamento, modo de vida e temporalidade moderna, algo que Latour caracteriza enquanto uma constituição, uma série de princípios-guia para a modernidade (Ibidem, pp. 23).

Entretanto, argumenta Latour, ocorre um paradoxo fundamental e não reconhecido por esta constituição, o fato de que a modernidade produz os mais diversos híbridos de natureza e cultura ao proliferar as redes da ciência e seus objetos que não são nem totalmente naturais, nem totalmente culturais. Ocorrem, portanto, dois processos principais: o da mediação, que produz os mais diversos híbridos, e o da purificação, que realoca esses híbridos em apenas um dos pólos do dualismo. O título de seu principal livro, *Jamais fomos modernos*, justifica-se pela constatação de que a modernidade nunca concretizou aquilo que a caracteriza enquanto tal, fazendo com que o dualismo almejado e tido enquanto dado nunca tenha se concretizado de fato (Ibidem, pp. 64). Antropologicamente, o que Latour propõe é uma investigação a respeito de como cada coletivo delimita os campos do humano e do não-humano, compreendendo a natureza e a cultura como resultados estabilizados de divisões baseadas em práticas sociais específicas, não como domínios ontológicos previamente consolidados (Ibidem, pp. 99).

Alinhado a esta perspectiva, Viveiros de Castro (2002), propõe uma concepção de antropologia que encara o papel do antropólogo e do nativo enquanto termos relacionais, firmados na relação entre um e outro, evitando a concepção essencialista de cada um desses termos. Aliado a isso, a hermenêutica antropológica consiste em tratar os conceitos nativos enquanto conceitos filosóficos, compreendendo o mundo virtual que subjaz a estes conceitos. Portanto, não se trata de investigar as múltiplas interpretações sobre um mesmo referente, mas de comparar conceitos totalmente diferentes entre si, que revelam mundos possíveis diferentes (Ibidem).

Partindo para os aspectos teóricos referente às questões de gênero e corporalidade, é preciso mencionar o teórico que constitui a base para a teoria queer: Michel Foucault. Os principais ganhos teóricos trazidos por Foucault são a sua crítica à hipótese repressiva enquanto explicativa da política sexual e sua formulação a respeito do chamado dispositivo da sexualidade. A crítica da hipótese repressiva se dá pela formulação de uma concepção produtiva de poder, onde o poder não apenas nega a existência, mas faz emergir práticas, discursos, relações, regulações, etc. (Foucault, 1980, pp. 22). Já o dispositivo da sexualidade aglomera as técnicas, saberes, instituições e relações de poder que visam tratar do sexo, tratamento esse compreendido enquanto próprio da modernidade, e não algo universal ou atemporal (Ibidem, pp. 82).

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

A crítica à hipótese repressiva será central para que Judith Butler realize sua crítica às relações de gênero e formule sua concepção performativa. Partindo de Foucault, Butler afirma que o feminismo não deve se pautar enquanto um movimento que representa a categoria “mulher”, uma vez que esta mesma categoria emerge de relações de poder específicas, fazendo com que a mera demanda pela representação dessa categoria surja da falta de um exercício genealógico crítico dos próprios termos em que as regulações e gênero. Em outras palavras, o ato de simplesmente abraçar a categoria “Mulher” e demandar sua representação reifica as relações de gênero (Butler, 2023, pp. 19).

Butler, seguindo o itinerário pós-estruturalista, produz uma crítica da identidade enquanto a base da política feminista, uma vez que a delimitação de um movimento enquanto o representante de determinada identidade sempre envolve um processo de exclusão daqueles que não fazem parte do grupo identitário a ser representado. Sua proposta é a de uma política de alianças, onde sejam firmadas conexões contingentes entre grupos que possuem interesses em comum, independentemente da composição identitária de cada grupo (Ibidem, pp. 25).

Seguindo sua crítica à identidade, Butler elabora a teoria da *performatividade* de gênero, em oposição a uma concepção substancial e essencialista de *identidade* de gênero. A teoria da performatividade afirma que o gênero não caracteriza uma expressão ou representação de algo prévio, pré-existente às ações. O diferencial teórico aqui é a ideia de que o gênero é produzido e reproduzido a cada instante através de ações inseridas em um sistema altamente regulado, que visa disciplinar os corpos e mantê-los dentro do que prega a norma. A repetição de uma estilização corporal específica cria a ilusão de substancialidade no que diz respeito ao gênero, ocultando o processo contínuo de repetição de ações que garante a suposta estabilidade do gênero (Ibidem, pp. 69). A própria noção de “sexo” enquanto anterior ao gênero é questionada, a partir do momento em que se reconhece que os discursos que definem o que é o sexo são sempre realizados dentro de um contexto cultural permeado por normas de gênero, de modo que o sexo se torna mais uma das produções do gênero (Ibidem, pp. 27).

A problematização da noção de identidade una, fixa e substancial também se encontra em trabalhos que criticam os dualismos natureza/cultura, humano/não-humano, máquina/corpo, e demais separações onde um polo aparece enquanto inerte, passivo e

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

factual, e o outro enquanto mutável, ativo e valorativo. Talvez o exemplo mais famoso e proeminente desta crítica presente nos estudos de gênero seja o *Manifesto ciborgue*, escrito por Donna Haraway.

A figura do ciborgue- ao mesmo tempo humano, máquina, realidade e ficção- opera enquanto um personagem conceitual que exprime uma nova antropologia filosófica que surge no final do Século XX, com o avanço da tecnologia e da informação que torna cada vez mais borrada as distinções presentes nos binômios citados acima. O ciborgue é uma criatura híbrida de técnica e carne, matéria e significado, uma identidade fraturada não redutível apenas a um determinado marcador social, seja este o gênero, a raça ou a classe (Haraway, 2023, pp. 165). É uma figura que rompe com mitos de origem, que especulam a respeito de um estado de natureza pura e intocada a ser perturbada e modificada pela ação humana (Ibidem, pp. 160). Na ontologia política ciborgue, natureza e cultura, órgãos e máquinas, humanos e não-humanos estão fortemente emaranhados, fugindo de distinções rígidas e negando a possibilidade de qualquer estado prévio de separação radical ou ausência de relações entre cada um desses termos (Ibidem).

Nos encontramos, portanto, com teorias de gênero que enfatizam a quebra de dualismos e binarismos, a agência e a possibilidade radical de transformação corporal e discursiva, algo que contrasta fortemente com o que espero encontrar em minha pesquisa a respeito das ontologias da “Machosfera”, provavelmente muito mais naturalistas e essencialistas. Apesar do alto contraste, o choque ontológico pode revelar as nuances onde se produzem as regulações, concepções de corpo e projetos políticos que orientam o mundo que busco estudar.

2. Metodologia e caminho da pesquisa

O que me trouxe até esta pesquisa é o fato de encontrar no estudo a comunidade redpill uma possibilidade e estudo que encapsula dois campos de debate que me interessam atualmente: os estudos de gênero e as discussões contemporâneas da antropologia suscitadas pela assim chamada “virada ontológica”, compreendendo a existência de muitos mundos e modos de existência engendrados por práticas relacionais entre humanos e não-humanos, rompendo com a perspectiva clássica do relativismo

cultural que afirma a existência de um único mundo e vários pontos de vista mais ou menos parecidos a respeito desta realidade única.

Desse modo, encontrei uma comunidade que opera a fabulação de uma ontologia específica que coloca as relações de gênero no centro das dinâmicas sociais, o que foi capaz de alinhar perfeitamente o interesse no estudo antropológico das ontologias aliado às temáticas debatidas pelos estudos de gênero.

Como objeto de análise, encontrei o canal intitulado “The Rational Male”, um canal com 223 mil inscritos que compõe parte da “Machosfera”. O título do canal é o mesmo de um livro publicado por seu apresentador, Rollo Tomasi, onde o autor defende uma cosmovisão redpill a respeito do gênero e das relações humanas. A descrição do canal afirma que Tomasi é considerado o “Padrinho da Machosfera”, bem como o líder do debate redpill na internet². Dentro desse canal, escolhi analisar a playlist intitulada “RED PILL FUNDAMENTALS” por compreender que, de acordo com seu nome, iria encontrar uma espécie de síntese do que pensam os red pills em um ecossistema digital.

Inicialmente, pretendia analisar todos os 12 vídeos do canal, porém tive de retirar alguns vídeos que excediam duas horas de duração pela ausência de tempo hábil para a pesquisa. Portanto, analisei um total de oito vídeos, cujos títulos são:

- @RoloTomassi talks woke narratives and feminist culture!
- Ariana Grande is Right on Schedule
- The shocking reality: do women genuinely love men?
- What is an Alpha Widow?
- More Women Attending College Than Men Will Create Next Crisis in Society?
- Feminists MOCK Lonely Men Then COMPLAIN They Cant Get Married, LIVID At Call To End No Fault Divorce
- Women would rather share Alpha men
- Men need Purpose and Tribes

Destes vídeos, dois não foram publicados no canal “The Rational Male”, mas foram colocados na playlist e são vídeos publicados por outros integrantes da

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/@RolloTomassi/featured>>. Acesso em 30 de Junho de 2024.

“Machosfera”. O primeiro destes vídeos tem como título “More Women Attending College Than Men Will Create Next Crisis in Society?”, sendo publicado no canal “Valuetainment Short Clips”, um canal que discute questões ligadas a negócios e empreendedorismo. O segundo vídeo não-pertencente ao canal leva o título de “Feminists MOCK Lonely Men Then COMPLAIN They Cant Get Married, LIVID At Call To End No Fault Divorce”, do canal Timcast, outro integrante da “Machosfera”.

Analisei esses vídeos a partir de anotações que fiz enquanto os assistia. A seguir, exponho a análise do material a partir de uma divisão que fiz para facilitar o entendimento dos diversos componentes da visão de mundo redpill.

3. Análise do Material

3.1. Hipergamia e relacionamentos intersexuais

Um conceito central dentro da visão de mundo Red Pill é a de que a monogamia não é um fator essencial no que diz respeito à forma como a humanidade lida com os relacionamentos. Um termo utilizado recorrentemente para caracterizar os relacionamentos sexuais e românticos é “hipergamia”, a vontade de se relacionar com o máximo de pares possíveis. As mulheres são sempre citadas no que diz respeito à hipergamia, não ficando claro se os homens também possuem vocações hipergâmicas ou se essa vocação é exclusiva das mulheres.

Outra ideia basilar para essa ontologia dos sexos é a noção de “valor sexual de mercado”, conceito este que determina o quão propenso alguém está para achar um par sexual. Quanto maior o valor sexual de mercado, maior a chance de se obter sexo. Em um dos vídeos, Tomasi mostra um gráfico que ilustra a curva do valor sexual de mercado entre homens e mulheres, a partir da teoria de que esse coeficiente muda de acordo com as fases da vida³.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oHuKDY-OEMo&list=PLKMF7Unzvbu65j3iGwu7lGMD34X-4J_uO&index=2>. Acesso em: 06/06/2024.

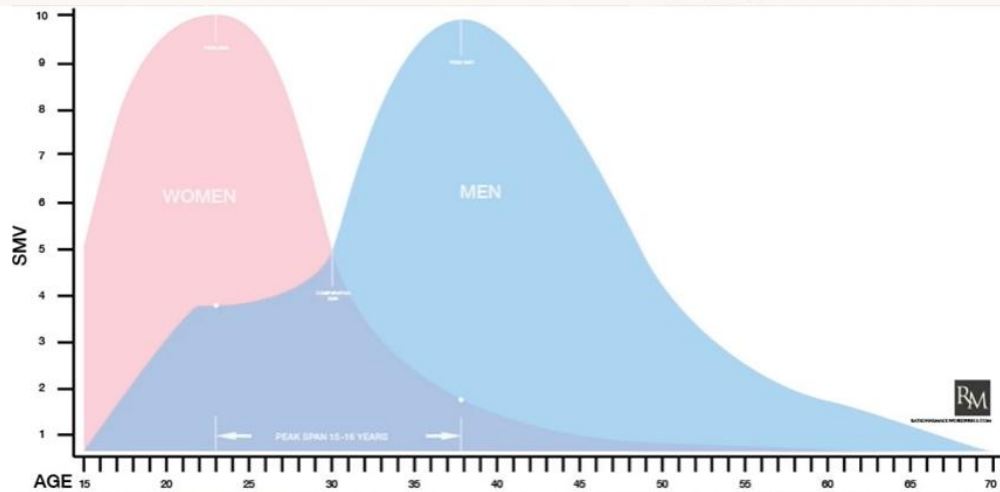


Figura 1: gráfico que ilustra a ideia e valor sexual de mercado de homens e mulheres ao longo da vida. A ideia central é a de que o pico atingido por mulheres é no início da idade adulta, enquanto que o pico atingido pelos homens se dá na faixa dos 30 a 40 anos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oHuKDY-OEMo&list=PLKMF7Unzvbu65j3iGwu7IGMD34X-4J_uO&index=2> Acesso em: 06/06/2024.

Algo de suma importância para a compreensão dessa cosmovisão é a de que “Mulheres simplesmente são, homens devem se tornar”⁴, o que indica que o fluxo narrado no gráfico no que diz respeito às mulheres reflete um movimento natural, enquanto os homens precisam investir em um projeto subjetivo de se tornarem homens mais desejáveis.

Algo muito interessante na visão de mundo Red Pill é a forma como eles encaram as dinâmicas de relacionamento entre homens e mulheres, através de um discurso que torce estereótipos de gênero em uma busca de reforçar papéis de gênero rígidos e tradicionais. A armação dessa visão é pautada pela ideia e um mal-entendido fundamental entre homens e mulheres no que diz respeito ao que cada um busca em um relacionamento. Para os Red Pills, ocorre uma inversão dos estereótipos de gênero associados a homens e mulheres, sendo os homens os que ocupam a posição de uma personalidade idealista e romântica, que busca o amor de uma mulher enquanto um fim

⁴ Disponível em: <<https://youtu.be/MyR6FcT7ozQ?si=uJ3-1NH6CAxQseOI>>. Acesso em 29/06/2024.

em si mesmo, enquanto as mulheres são as verdadeiras pragmáticas e oportunistas, buscando nos relacionamentos o amparo financeiro e emocional, selecionando homens que atendam a estes critérios em um relacionamento.

Mais especificamente, existem fases específicas dos interesses sexuais de uma mulher, um detalhamento conceitual que não consegui encontrar em relação aos homens. Como ilustra a figura abaixo, é possível perceber uma oscilação de fases em que a mulher irá buscar um maior grau de experimentação e variedade sexual e momentos onde o principal objetivo é a segurança material. Dentre os vídeos analisados, só consegui encontrar falas que tratam da juventude das mulheres, mas não consegui obter falas onde a fase da meia idade e a velhice seja abordada.

A fase dos 18 aos 28 anos caracteriza uma fase de experimentação sexual, onde as mulheres buscam conhecer os mais diversos tipos de homens pois estão no ápice de sua fertilidade e da agência sexual, esta última sendo considerada a única fonte verdadeira de agência das mulheres. Após o término dessa fase, começa a busca por maior segurança material⁵. Assim, compreende-se que a fase da juventude valoriza mais os homens alfa, líderes viris e atraentes, enquanto a fase posterior valoriza mais os homens beta, chefes de família provedores que buscam segurança e a criação de vínculos. A justificativa dada para tal argumento recorre a preceitos evolutivos, defendendo que foi evolutivamente útil às mulheres buscarem homens fortes e serem criteriosas com suas escolhas sexuais, uma vez que isso as teria ajudado a sobreviver. Curiosamente, nenhuma explicação evolutiva é dada para a noção de que são os homens os verdadeiros românticos idealistas.

⁵ Ibid.

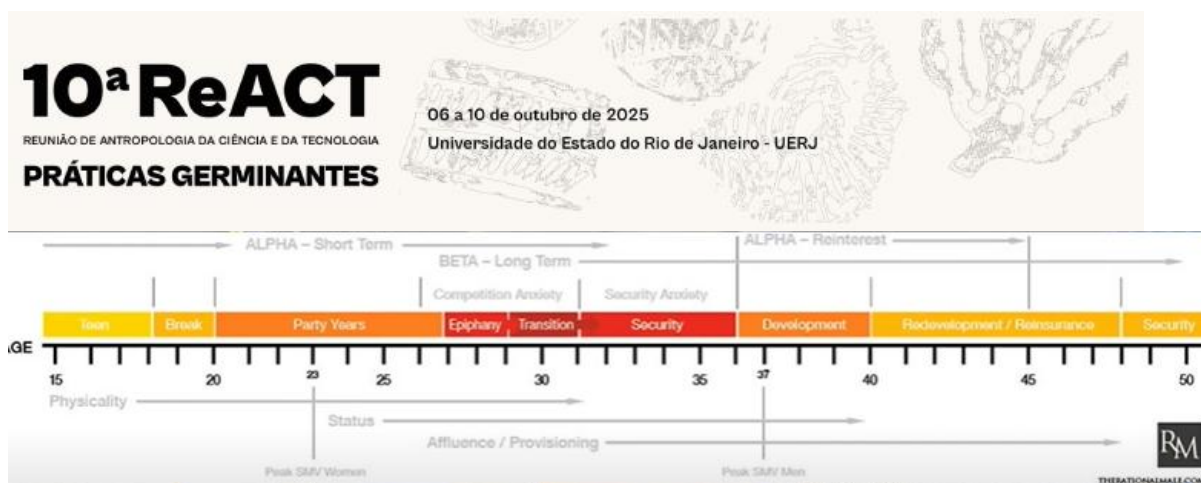


Figura 2: esquema que representa os interesses sexuais de uma mulher ao longo da vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oHuKDY-OEMo&list=PLKMF7Unzvbu65j3iGwu7lGMD34X-4J_uO&index=2> . Acesso em 06/06/2024.

O fato de que os estereótipos e gênero hegemônicos corresponderem ao exato oposto do que pauta a visão Red Pill seria explicado pelo fato de que cada sexo mostra uma imagem pública oposta a sua verdadeira natureza, o que leva ao mal-entendido fundamental que guia as relações sexuais entre homens e mulheres. Algo que aproxima a visão Red Pill dos estereótipos tradicionais de gênero é a forma como cada sexo lida com o respeito. Enquanto homens compreendem que o respeito precisa ser conquistado, mulheres acham que o respeito é um direito natural de todos,

Algo que pode acontecer na transição entre essas duas fases é a criação da chamada “Alpha Widow”, ou “Viúva Alfa”. Tal termo caracteriza uma mulher que se envolveu com um homem alfa no passado, mas que por algum motivo não conseguiu manter o relacionamento com esse homem e por isso mantém uma espécie de nostalgia pelo momento em que se relacionou com esse homem⁶. Ocorre que este homem servirá como uma espécie de métrica para os próximos homens com os quais essa mulher irá se relacionar no futuro, deixando de aceitar homens que sejam inferiores ao que realizou o “imprinting”⁷ naquela mulher.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uYyUp56bso&list=PLKMF7Unzvbu65j3iGwu7lGMD34X-4J_uO&index=1&pp=iAQB>. Acesso em 18/06/2024.

⁷ Um termo retirado da psicologia comportamental que designa o reconhecimento de uma mãe e seu filhote. No caso, o termo opera aqui como uma medida e reconhecimento entre uma mulher e seu par ideal.

A ideia de par perfeito seria uma convenção social criada para reforçar a monogamia, servindo como um consolo para mulheres mais velhas que tivessem perdido seu macho alfa na juventude ou homens afeminados que não conseguiram encontrar um par sexual. Desse modo, esse mito serviria como uma espécie de consolo que faria com que essas pessoas acreditassem que seriam capazes de encontrar um relacionamento. Tomasi também defende que os homens devem exercitar tanto o lado dominante alfa quanto o lado cuidador beta, uma vez que as mulheres preferem lados diferentes dos homens em diferentes fases da vida.

3.2.A revolução sexual e a poligamia incentivada pelas mulheres

Além da ontologia fundamental no que diz respeito ao gênero e ao sexo para os red pills, também encontramos um diagnóstico a respeito das relações de gênero hoje em dia. O diagnóstico constitui, sinteticamente, na denúncia de um estado de coisas pautado por uma poliandria generalizada advinda do empoderamento excessivo das mulheres- e aqui eles se referem às conquistas do direito ao trabalho, voto, acesso à educação, etc.- que as levou a não mais dependerem dos machos beta provedores e dinheiro e demais suportes materiais. A consequência disso seria que agora as mulheres vivem em um estado de compartilhamento de machos alfa, uma vez que acham que merecem apenas o bom e o melhor os homens, não se envolvendo de modo compromissado com nenhum relacionamentos, muito menos se comprometendo com um homem beta menos atraente, uma vez que as mulheres não precisam mais dos apoios financeiros dos homens.

Os culpados por essa situação são os avanços da revolução sexual, tanto as biotecnológicas como a criação da pílula anticoncepcional, até as mudanças políticas como o direito ao divórcio, ao trabalho fora de casa e à educação superior. Isso teria feito com que as mulheres ficassem excessivamente independentes dos homens, não precisando mais se submeter às ordens de um homem beta provedor do lar. Outro ponto a se destacar, e que deriva da noção de que as mulheres são pragmáticas e interesseiras, é a de que o parentesco agora não é mais regido pelo casamento, mas sim pelo pagamento de pensão.

Com a crescente independência das mulheres, criou-se o ideal de que elas podem exercer o papel de um homem melhor que um homem, o que fez com que as mães-solo fossem valorizadas como heroínas empoderadas que não precisam de homens para criar seus filhos, o que levou a um maior número de crianças mal-criadas. Junto a isso, as mulheres começaram a adotar uma estratégia de relacionamentos baseada em relacionamentos curtos com machos-alfa, com a duração suficiente para gerar filhos e pedir o divórcio, visando o acúmulo de pensão advinda da quebra do relacionamento. Isso indicaria uma sociedade onde as mulheres ganharam poder e independência às custas dos homens que as sustentam e são divididos sexualmente entre elas. Esses homens que são divididos entre as mulheres seriam apenas aqueles enquadrados enquanto machos-alfa, já que os machos-beta teriam se tornado inúteis financeiramente e portanto estariam solitários e sem acesso ao sexo⁸.

Esse diagnóstico de “emasculação” dos homens teria gerado homens sozinhos e desencorajados a agir em comunhão com outros homens, uma vez que a ideologia da inclusão teria se infiltrado em meios de sociabilidade até então quase que homogeneamente masculinos. A relação entre homens é entendida como baseada em interesses e projetos comuns, o que leva a uma maior tolerância a comentários mais agressivos e assertivos entre homens, já que o que move a relação entre eles é a busca por um ideal acima deles, o que possibilita uma atitude menos preocupada com os sentimentos de cada um e mais voltada à perseguição de um objetivo. A entrada de mulheres nesses meios teria tornado a sociabilidade entre homens mais frágil, pois agora se instaura não só uma competição pelas mulheres recém-chegadas, como também o paradigma muda de uma busca comum por um determinado objetivo e passa a ser baseado na inclusão das mulheres, o que rompe com o paradigma anterior.

Os Red Pills então buscam por uma espécie de pacto da masculinidade, um código de apoio mútuo que não seja violado por mulheres e seus interesses. A criação de espaços exclusivos para homens é encorajada, como uma forma de criar esse modo de solidariedade. A necessidade disso vem do fato de que os homens estariam se tornando mais solitários e enfraquecidos devido ao empoderamento feminino e ao avanço das

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/MyR6FcT7ozQ?si=st4HC3z_ND-6isB6>. Acesso em: 29/06/2024.

tecnologias digitais, que separam e individualizam as pessoas, desencorajando a sociabilidade cara-a-cara. Isso seria uma suposta explicação para a taxa de suicídio entre homens, uma vez que muitos abrem mão de seus amigos para fazerem do casamento o ponto central de suas vidas. Logo, se ocorre um divórcio, os homens não ficam com mais nada, perdendo propósito na vida e achando que o suicídio é o único caminho. Daí surgem as demandas pelo restabelecimento das relações tradicionais de gênero, como forma de assegurar a permanência dos vínculos e a segurança das relações amorosas⁹.

4.Considerações finais

Considerando que parto da discussão suscitada pela virada ontológica, seria interessante averiguar o enquadramento da ontologia Red Pill nas ontologias destacadas por Descola (2015), em que este defende a existência de quatro cosmovisões possíveis: animismo, totemismo, analogismo e naturalismo. O naturalismo é a ontologia predominante na modernidade, onde ocorre a separação entre natureza e cultura, sendo o primeiro campo passivo, inerte e compreensível através a ideia de leis naturais, enquanto o segundo campo engloba o que há de mutável, espontâneo e variável. A natureza engloba os não-humanos, a cultura, os humanos.

Seria leviano apenas enquadrar a ontologia Red Pill dentro dos pressupostos do naturalismo sem antes observar como que essa própria ontologia torce as próprias concepções naturalistas. Apesar do fato e observarmos um grande apelo à uma noção de natureza estanque e regida por princípios previsíveis- algo evocado no discurso Red Pill a partir de um suposto apoio evolucionista às suas teses- não se trata apenas da noção de que existem duas substâncias distintas e estanques (natureza e cultura), mas uma espécie de natureza que abriga em si uma parte natural e uma parte cultural.

Talvez seja possível falar de um meta-naturalismo ou de um naturalismo fractal no que diz respeito à cosmologia Red Pill, uma vez que podemos ver uma classificação analógica do dualismo natureza/cultura aplicado aos dois gêneros. A afirmação já citada de que, para os Red Pill, “mulheres simplesmente são, homens devem se tornar” reproduz os polos dualistas do binômio natureza/cultura, sendo as mulheres aquelas que ocupam o

⁹ Disponível em: <<https://youtu.be/sMnvRb0TbeA?si=PhMEjfAHWuHiAuE5>>. Acesso em: 29/06/2024.

lugar da natureza que “simplesmente é”, e os homens ocupando o lugar da cultura que “precisa se tornar”. De certo modo, é realizado um negativo da proposição de Beauvoir, uma vez que é preciso se tornar um homem, não apenas nascer desse modo. Ocorre uma troca entre imanência e transcendência, as mulheres ocupam a posição natural-transcendente, enquanto os homens ocupam a posição cultural-imanente. Todo esse jogo ocorre entre o de uma Natureza ainda maior, que rege como cada gênero se comporta, uma vez que as definições do gênero Red Pill rejeitam o construcionismo social. Uma grande Natureza que tudo determina, abrigando dentro de si um par ontológico que conta com uma natureza natural e uma natureza cultural, correspondendo aos sexos feminino e masculino, respectivamente.

Portanto, talvez sorrateiramente, a cosmovisão Red Pill abre dentro do seio de sua própria ontologia o caminho para sua desconstrução, uma vez que entende que um dos polos do binário precisa tornar-se si mesmo. Isso abre portas para a infiltração sorrateira de uma concepção performativa da identidade de gênero, uma vez que os homens precisam construir sua identidade através de suas próprias ações (Butler, 2023, pp. 56).

É possível dizer que há nesse naturalismo fractal a evocação de imagens modernas articuladas a partir do dualismo natureza/cultura, usados para ilustrar o conflito entre os gêneros. A mulher, natural por excelência, teria se revoltado com a dominação masculina da cultura, ousando assumir o papel humano de explorar materialmente a partir da dominação sob o outro pólo do dualismo (a troca do parentesco por casamento pelo parentesco por pagamento e pensão). A mulher simplesmente existe e precisa ser conquistada pelo homem, que precisa tornar-se excelente para domar e dominar a mulher/natureza.

Esse jogo de imagens remonta ao que Haraway (2019, pp. 160) critica em seu seminal ensaio, o *manifesto ciborgue*, uma história de origem marcada pela pureza da natureza intocada. A estória de origem se verifica ao observarmos como a natureza é trazida para conferir uma ordem transcendental ao caos de um mundo permeado por narrativas socioconstrutivistas pós-modernas, não à toa uma das principais tarefas dos homens hoje em dia seria o de retomar a “verdade objetiva”¹⁰.

¹⁰ Ibid.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

As lutas feministas se mostram defrontadas com movimentos reacionários que buscam destruir conquistas históricas que em algum momento podem ter aparecido como dadas. Contra o ideal humanista de transformação do mundo natural pelos artifícios da cultura, proferem um ideal político de retorno a um estado natural supostamente imutável e ordeiro. Resta às lutas e teorias críticas a respeito das relações de gênero o desafio de questionar essa natureza, não através da sua negação e diluição conceitual na noção de cultura, mas através de alianças interdisciplinares ousadas e heréticas quanto às divisões das ciências entre naturais e sociais, da confusão de fronteiras entre o natural e o artificial, o orgânico e o maquínico, o material e o semiótico. É preciso reinventar a natureza, para que ela não seja arma apenas daqueles que a figuram enquanto um paraíso perdido ou uma prisão política.

5. Pós-escrito especulativo: por uma natureza outra

Se o que buscamos é retomar a matéria e não deixá-la nas mãos reacionárias do masculinismo de extrema direita, encontramos nas práticas científicas contemporâneas aliados importantíssimos. Como Latour (1993, p. 159) e Barad (2017) nos apontaram, a materialidade se apresenta enquanto algo intimamente ligado ao discurso e à agência, abrindo portas para que nosso corpo seja mais do que a inércia da coisa extensa

A reiteração da performatividade de gênero não exige o abandono da sua noção central, mas sim a assimilação das possibilidades analíticas que esta nova concepção oferece para a abordagem alternativa do corpo, do sexo e do gênero. Paradoxalmente, o cenário teórico permanece o mesmo em sua estrutura fundamental, ao passo que a sua substância interpretativa é profundamente alterada. Mantém-se a premissa de que a significação é inescapável e que a ilusão de essência decorre da reiteração de atos estilizados.

Contudo, o significado destas proposições é substancialmente modificado pela adoção do conceito neomaterialista de performatividade: a ausência de um exterior à significação não se deve ao aprisionamento em esquemas semióticos transcendentais e apartados do mundo, mas sim porque a semiose é endogenamente produzida pela e na

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

realidade, manifestando-se como um processo de tradução efetuado por entidades que materialmente produzem sentido a partir umas das outras. Similarmente, a inexistência de essências é substituída pela recorrência de testes de força que garantem a existência do sexo e do gênero; uma vez estabilizados, estes testes perdem a sua visibilidade enquanto processos de agenciamento (Latour, 1993, pp. 159). A escala dos fenômenos em análise é significativamente expandida: o foco transcende as práticas discursivas como domínio exclusivamente humano e indiferente a outros actantes, abarcando uma complexa rede de atores somáticos, políticos, ficcionais e científicos que atuam conjuntamente na produção do gênero.

A consequência evidente da assimilação de um conceito distinto de performatividade é o reconhecimento de um sistema reticular que abrange e constitui atores heterogêneos. Torna-se imperativo o estabelecimento de modos de composição com esta rede, visando uma práxis teórica e política feminista apta a responder aos desafios contemporâneos impostos pela biotecnologia, pelo Antropoceno e pela erosão progressiva da bifurcação entre natureza e constituição moderna. O corpo revela-se, assim, como um complexo agenciamento de atores que, pela repetição de processos tanto bioquímicos quanto ético-políticos, instituem uma estabilidade intrinsecamente frágil. Essa estabilidade pode ser constantemente reconfigurada e modificada por uma ampla gama de intervenções, que incluem transições hormonais, novas técnicas de produção de subjetividade, o uso de próteses e ressignificações ontoepistêmicas, entre outras.

De fato, conforme assinalado por Latour (2020, pp. 177), a inversão da agência observada entre natureza e cultura parece encontrar paralelo na dicotomia análoga entre sexo e gênero. No contexto em que o planeta demonstra uma capacidade ativa de subverter os agenciamentos civilizacionais, enquanto a humanidade permanece incapaz de conceber um futuro habitável em meio a uma era de catástrofes, surge uma analogia pertinente entre a crise terrestre e a situação atual do sexo e do gênero. Em um período marcado pela ascensão de um conservadorismo extremado, pelo purismo sexual, pela perseguição identitária e pela retropalatalização de práticas somáticas, as regulações de gênero se apresentam como estruturas rigidamente imobilizadas e de difícil subversão. Isso ocorre concomitantemente a uma era em que o sexo manifesta uma potência inédita de pluralidade, impulsionada pelas novas formas de alteração biotecnológica do corpo

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

através de um leque inesgotável de procedimentos estéticos, cirúrgicos e hormonais, capazes de fazer proliferar uma miríade de novas identidades.

Neste novo mundo, a matéria do corpo nos apresenta novas modalidades de agência, nos convocando a abandonar o vínculo entre o apego ao concreto o culto da estagnação e da necessidade. Uma matéria tão probabilística, tão incerta e tão ativa, nos convoca a olhar os nossos corpos e suas materialidades como agenciamentos contingentes e mutáveis, a apostar que nossa liberdade pode estar aliada a um corpo essencialmente aberto à alteridade material e seus devires.

6.Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade. 24ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Vazantes, v. 1, n. 1, 2017.

DESCOLA, Philippe. Além de natureza e cultura. Tessituras, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade vol. 1: a vontade de saber. 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1983.

HARAWAY, Donna. in BUARQUE DE HOLANDA(org.). Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

LATOUR, Bruno. The Pasteurization of France. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

LATOUR, Bruno. Gaia: uma figura (enfim profana) da Natureza. In: Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Ubu Editora, 2020.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. 4ª ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. MANA, Rio de Janeiro.vol. 8, n. 1,113-148, 2002.